Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus, e Arquivo Histórico Municipais

XII

O POÇO QUE RI

Conferência sôbre «Rafael Bordalo Pinheiro e o seu tempo», proferida por Joaquim Leitão, na Sociedade Nacional de Belas Artes na noite de 8 de Fevereiro de 1936, 11.ª da série promovida pelos «Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», e repetida nas noites de 14 de Maio de 1936, no Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal do Porto, e 16 de Maio de 1936, no Ateneu de Braga

Lisboa

1936

O POÇO QUE RI

Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus, e Arquivo Histórico Municipais

XII

O POÇO QUE RI

Conferência sôbre «Rafael Bordalo Pinheiro e o seu tempo», proferida por Joaquim Leitão, na Sociedade Nacional de Belas Artes na noite de 8 de Fevereiro de 1936, 11.ª da série promovida pelos «Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», e repetida nas noites de 14 de Maio de 1936, no Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal do Porto, e 16 de Maio de 1936, no Ateneu de Braga

Lisboa

1936

Rafael Bordalo Pinheiro e o Pôrto

Introdução à Conferência sôbre Rafael Bordalo Pinheiro, proferida no Teatro Gil Vicente, do Palácio de Cristal do Pôrto, na noite de 14 de Maio de 1936.

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Pôrto;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

Nenhum feito, glória nenhuma, nacionalista ou estranha, se cimentou jámais em Portugal sem a sancção do Pôrto. Por isso aquêles que o nosso incomparável Burgo sagra, ao Pôrto ficam para todo o sempre querendo bem. Se não nos legam o coração — como o quarto Pedro — é porque em vida, e em nossa honra, dêle se haviam desfeito, como Carlos Alberto, o Rei-Soldado da Sardenha que na colina de Superga dorme o último sono, à entrada da cripta dos Saboyas, e em nome do qual o município turinês, grato ao asilo por nós dado ao precursor da unificação italiana, nos outorgou, a nós Portuenses, o honroso título de cidadãos de Turim.

Ou como Rafael Bordalo Pinheiro que ao Pôrto e aos Portuenses entregou as derradeiras lucilações do seu fulgurante espírito.

Aqui nasceu o seu renome de ilustrador na edição do *Cura de Aldeia* [1], — sensacional para o tempo —, aqui expirou a sua actividade com a página póstuma, a *Janeirinha*, no Almanaque do *Primeiro de Janeiro*.

---

[1] À segunda ou terceira carta, trocada com Joaquim Antunes Leitão o livreiro-editor da *Biblioteca do Cura de Aldeia*, Rafael Bordalo Pinheiro declarou-lhe que não sabia nada de correspondência comercial e que como já tinham trocado duas cartas e eram por isso amigos velhos, propunha que se tratassem por tu. Assim se passaram a tratar por escrito. Quando, vinte e tantos anos depois, meu pai foi comigo a casa de Rafael, nem um nem outro mantiveram o tratamento proposto pelo bom humor de Bordalo.

Concorreu alegremente aos nossos certames: à exposição do Palácio de Cristal, à exposição de Faiança, no Ateneu Comercial do Pôrto, em 1887, como o documenta a jarra por êle oferecida e que está exposta no respectivo museu.

Para os nossos ourives desenhou originais, entre outros os da admirável baixela manuelina do Visconde de S. João da Pesqueira.

Pelas nossas gazetas derramou a sua graça tão portuguesa, como o atestam os números ilustrados do Natal e da Páscoa do *Comércio do Pôrto.*

Essa íntima e contínua colaboração com a imprensa e as indústrias artísticas do Pôrto prenderam-lhe a afectividade a estas candurosas escarpas. Frequentador de Entre-os-Rios, como mandava a sua inicial bronquite de fumador incorregível, para fé do que nos deixou a página de *charge* no album da ridente estância, todos os verões à ida e à vinda se demorava no Pôrto.

O café *Suisso* e o *Camanho* eram então os dois salões onde se conversava, e os conversadores eram Guerra Junqueiro, Júlio de Matos, o psiquiatra, Duarte Leite, Emídio de Oliveira, Costa Carregal, Ciríaco de Cardoso, o Pai Ramos, Marques de Oliveira, Guedes de Oliveira, Alexandre Braga, Eduardo Artayette, duas gerações de homens de letras, de homens de ciência, de homens de espírito, de artistas, e dentre cujos poucos sobreviventes um preside a êste acto — S. Ex.ª o Dr. Alfredo de Magalhães, brilhantíssimo homem público que com exemplar desinterêsse, há servido e serve nobremente a grei.

A alegria pagã de Rafael Bordalo e os seus inveterados hábitos de notívago tornaram-no cliente-nato dos festins do «Túnel», para prova do que existe no Museu de Lisboa uma Ementa desenhada por êle.

O renome de decorador, a que Lisboa aclamara desde o tecto da «Monaco» e a quem o govêrno português entregara a decoração dos nossos Pavilhões na Exposição Universal de Paris em 1889 e na Columbina de Madrid, aí por 1892, não era facêta que o Pôrto desprezasse.

Estava justamente a dirigir a decoração de alguns carros para o cortejo carnavalesco de 1905, quando o salteou a crise fatal [1].

A sua percepção nacionalista, a sua pupila de português enamorado da côr, elegeram sempre os nossos lenços de ramagens, os nossos trajes populares, a nossa utilhagem rústica para elementos e motivos temáticos das suas decorações. Daí a origina-

---

[1] Rafael foi ao Pôrto, a convite dos *Fenianos*, e ali se lhe agravou a bronquite depois de um banho de vapôr que usava sempre que se sentia peor. Augusto Pina que êle levara para o Pôrto, como ajudante, foi quem acabou as decorações, conforme os planos de Rafael.

lidade da sua obra de decorador tão notável e notada em Paris e em Madrid.

Mas na concepção dos carros carnavalescos, como na faiança, o que primava era o seu génio de caricaturista. É de Bordalo, príncipe dos caricaturistas portuguêses, grande entre os maiores caricaturistas do mundo que lhes venho falar, e aqui vim para tal porque Bordalo muito amou o Pôrto e do Pôrto foi enternecidamente admirado e amado.

O Poço que ri

Conferência sôbre «Rafael Bordalo Pinheiro e o seu tempo», proferida na Sociedade Nacional de Belas Artes na noite de 8 de Fevereiro de 1936, 11.ª da série promovida pelos «Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro».

Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

A caricatura é uma das mais terríveis armas de guerra aplicadas ao ridículo humano. Pior do que o canhão! Porque o canhão mata — a caricatura mutila. Antes das duas linhas de legenda que são vitríolo atirado ao rosto da personagem, a caricatura despenteia-a, deforma-a, desarticula-a, fá-la dançar o S. Vito da desfiguração, até categoria, poder, majestade se tornarem bonecos de pasta sôbre que caiu chuva em quarta-feira de cinzas.

A par-de êstes golpes de jiu-jutsu que torcem as articulações, a caricatura atordoa a vítima com o gás asfixiante do riso desencadeado pela mísera figura.

Cada época, porém, tem os seus problemas e seus conflitos, e a caricatura seus têmas e seus alvos. Para Daumier e Henri de Monnier — o criador de *Monsieur Prudhomme* —, os adversários do humorista eram os burocratas, os magistrados e a burguesia.

Sucederam-lhes no patíbulo os parlamentares.

E como o tempo actua sôbre a táctica da caricatura como sôbre a de qualquer arma, à medida que se aproxima do período contemporâneo, à bonomia e à graça rendem-nas a ironia acerada e a crueza. A êmfase do *Senhor Prudhomme* que fez rir a geração anterior à nossa, tinha no fundo certa ingenuidade inofensiva. Basta compará-la com a violência das páginas de Hermann Paul ou de Forain por onde os mesmos tipos perpassam.

Entre as cortesãs de Gavarni, de Grevin, de Bertall ou de Grandville, sêres de graça e de abandono, arroxeadas de melancolia, e as mu-

lheres de Toulouse-Lautrec ou de Steinlen, que abismo! As primeiras comovem — as segundas repugnam.

O riso perdeu em amargura o que ganhou em sarcasmo, como em Forain que podia dispensar o lápis e contentar-se com a legenda escrita a fôgo.

Na própria conversa, os seus ditos já não eram bolas de papel, mas balas *dum-dum*.

Lembro... quatro ou cinco.

Uma noite em casa de certa princesa parisiense, Forain ceia com Marcel Prèvost, Cècil Sorel e outras personagens do mundo literário e teatral francês. Em dado momento, a conversa incide sôbre a velhice da mulher e principalmente das actrizes. Cècil Sorel declara categórica:

— «Quanto a mim, tenho resolução formada: ao primeiro sinal de velhice, desfecho a minha *browning* e meto uma bala na cabeça!»

— «Fôgo»! — exclama Forain.

Outro dito sangrento: um amigo de Forain desposa o próprio modêlo. Forain é convidado para a cerimónia religiosa. Terminada a missa, os noivos recebem na sacristia os cumprimentos. Forain aproxima-se do ex-modêlo de pintores, e como cumprimento diz lhe:

— «É extraordinário, como fica bem depois de vestida!»

Um dos mais notáveis desenhos de Forain, anti-democrático, anti-republicano, anti-hebreu, é uma mulher, a República, pálida e definhada que por legenda tinha estas palavras:

«Como era bela a República sob o Império!»

De uma dama republicana, tão importante como mal educada, disse Forain:

— «É uma das inúmeras pessoas convencidas de que a gentileza faz parte dos privilégios abolidos pela Revolução.»

A sua sátira acerba exerceu-se em todos os campos. Num dos desenhos da série intitulada *Os Animais*, as galinhas vão ao Jardim Zoológico ver os macacos. Uma delas pregunta:

— Que falta aos macacos para serem homens?

Responde outra:

— Dinheiro!

Poderia passar o serão a contar ditos de Forain e a recordar a evolução da caricatura através dos tempos.

Porque a verdade é esta: poucas produções artísticas como a caricatura sofrem a influência dos séculos.

O riso é eterno. A maneira de fazer rir andou e andará sempre sujeita às leis da moda.

Rafael Bordalo, como todos, é o caricaturista do seu tempo. A sua obra é o espelho de Portugal do sec. XIX. Aos seus lápis, aos seus carvões, aos seus nanquins, pode ir-se buscar documentário para inventariar e reconstituir tipos, costumes, meio e

indumentária, a própria história dêsse fim de século.

A própria história! Afirmou-o Hintze Ribeiro, a alguém que estranhava a comparência do estadista no funeral de Rafael Bordalo.

— V. Ex.ª foi das figuras mais... caricaturadas pelo Bordalo.

— Fui... E por isso mesmo quando quero recordar a minha vida política, folheio as páginas do Bordalo. A minha história política não está no *Diário das Câmaras*, mas nas colecções dos jornais de caricaturas de Rafael Bordalo.

Exacto: nos seus desenhos e esboços encontra-se o facto flagrante e a semelhança em que tinha, imprescindivelmente, de assentar o seu alacre poder de deformação caricatural. As suas caricaturas, antes de partirem à carga, baioneta calada, deixam retratos admiráveis como todos os de Hintze, como o de Teodorico, único documento iconográfico do popular actor que nunca consentiu que lhe fotografassem a papeira e o cachaço giganteu.

Essa faculdade anda no dote dos grandes caricaturistas. Mayor, que os Estados Unidos cognominaram, com espírito e certa justiça, «o maior caricaturista do mundo», perante a sua galeria dos políticos americanos e das personagens mundiais que compuseram a primeira sessão da Sociedade das Nações, dispõe dêsse dom até o inverosímil e até à anedota. Mercê dessa fôrça, caricaturou todos os homens públicos norte-americanos, encomenda dada e paga pelos adversários de cada justiçado, justamente porque o processo de Mayor é exagerar os defeitos ou incorrecções físicas de cada modêlo. Basta-lhe para isso vê-lo uma vez. Essa prodigiosa memória valeu-lhe apanhar um motorista fugido com avultada demasia. Mayor chegou a Roterdão, tomou um automóvel e pagou com uma nota grande.

O motorista pôs o automóvel em movimento e desapareceu. Mayor foi queixar-se à policia.

— «Número do carro?»

— «Não reparei.»

— «Nome do *chauffeur*?»

— «Não sei.»

— «Então...»

— «Mas posso desenhar o retrato dêle...»

E, com a facilidade com que fez a minha caricatura numa noite de Florença, traçou em minutos o retrato do motorista gatuno, imediatamente reconhecido, identificado e preso.

Bordalo executava pelo mesmo processo, e com a mesma maestria, quantos abalavam com glória que lhes não pertencia.

Até as vítimas ficavam intrigadas, preguntando entre si onde e quando Bordalo as surpreendêra, como sucedeu com Barjona de Freitas. Vendo-se, em caricatura, de trajes menores e capote à espanhola, Barjona cismava:

— «Mas quando é que aquele diabo me viu assim?!»

Vira-o uma vez que, sendo Barjona Ministro da Justiça, Rafael Bordalo fôra a casa dêle, encorporado numa comissão da Imprensa, para qualquer reclamação platónica. Barjona era um noctívago, os jornalistas foram acordá-lo, e, para os não fazer esperar, saltou da cama, cobriu-se com a capa à espanhola e assim lhes apareceu.

Também vingou-se bem. Barjona ficára sempre coimbrão, sempre fulgurante de espírito. Lembro me de Emídio de Oliveira me contar que, preguntando-lhe se era mação, Barjona respondera:

— «Sou... tôda a gente é *maçon.*»

— «Mas você freqüenta a Maçonaria?»

—«Ah! isso não! Só lá fui uma vez... para a iniciação. Encontrei lá a tratar-me por irmão sujeitos que eu não queria nem para primos, nunca mais lá voltei.»

Dias depois da caricatura do capote à espanhola, Barjona encontrou Bordalo na Avenida. Foi direito a êle, enfiou o braço no braço de Rafael e andou uma meia hora a passear, para cima e para baixo. Nesse tempo, Lisboa tôda, a Lisboa política, burocrática e mundana, ia tôdas as tardes «fazer Avenida».

Barjona — assim que cumprimentou o Rei, que em ligeira «vitória» passara e repassara fardado de generalíssimo e ajudante à esquerda, a Rainha acompanhada da Dama de Serviço, o Senhor Infante, ministros, o meio oficial, a comparsaria política, — despediu se de Bordalo com esta frase:

— «Esta gente tôda que nos viu passear de braço dado ha-de dizer lá com os seus botões: Tão bom é um como o outro!»

Esta faculdade de retentiva e semelhança em que insisto, porque, além do mais, atesta o domínio do desenho que êle tinha e o sr. Saavedra Machado tão amplamente demonstrou, anunciou-a Bordalo logo de entrada, à estreia, no *Calcanhar de Achilles* que participa mais de registo de celebridades do que da flechada humorística, mais album do que panfleto.

Os próprios caricaturados riam, a começar por Herculano. Quando Bordalo lhe foi mostrar à loja do Bertrand a caricatura que o figurava de azeiteiro ambulante, latas ao ombro e funil na mão, o sisudo historiador começou por còrar. Mas acabou por lhe achar graça. De cabeça inclinada para a estampa, passou o lenço tabaqueiro pelo nariz repetidas vezes, e repetidas vezes se ficou a dizer:

— «Sim, senhor! Sim, senhor!»

O iracundo Bulhão Pato, a recitar, de caçadeira em punho, entre coelhos e perdizes, compreendeu o preito que Bordalo lhe votava.

Nem Rebelo da Silva, nem Pinheiro Chagas, nem Ramalho, nem Júlio César Machado, nem Fernando Palha, nem Teixeira de Vasconcelos, nem João de Deus, nem Manuel de Arriaga, ninguém da pléiade li-

terária de duas gerações se deu por magoado.

Á cabeça das mais mordazes caricaturas estava a de António José Viale. O professor Viale, mestre de grego no antigo Curso Superior de Letras, foi sempre um bombo de festa. Fialho celebrizou-o como classicista que levava o seu entusiasmo camonista a pontos de mesmo na vida doméstica se servir de estâncias dos *Lusíadas*. O ironista dos *Gatos* caricaturou o pobre professor Viale, a entrar para o banho; ao meter a perna direita na banheira, Viale exclamava:

— *Aqui onde a terra acaba e o mar começa...*

Bordalo inaugurou a flagelação de Viale, representando um curso de grego, freqüentado pelas celebridades literárias do tempo, que a palavra do helenista adormecia, e fazia cabecear a vela que os alumiava, o relógio de parede, os objectos e adornos da sala.

Não consta, porém, que Viale desafiasse Bordalo para o duelo à pistola, tão no gôsto da época.

Só Castilho, o intangível patriarca do Olimpo português, se arrenegou ao saber-se caricaturado num cenário ateniense, de túnica, manto e lira.

Mas o *Calcanhar de Achilles* roçava mais pela homenagem do que pelo ataque.

Na *Berlinda*, a que ainda não pode chamar-se jornal, Bordalo mostra todavia, objectivos de *charge* à política internacional, figurada e recamada daquela superabundância de pormenorização concretizadora que lhe ficou até ao fim da carreira, com excepção das páginas de síntese que atingiram a sobriedade das obras primas.

No Brasil é que o caricaturista se afirmou plenamente. *O Mosquito*, jornal ilustrado fluminense, proporciona-lhe o sonho doirado de ir trabalhar para o Brasil. Vai viver para uma *república*, nas Laranjeiras, com Artur Napoleão e Ciriaco de Cardoso.

Rafael Bordalo tem, então, trinta anos e o diabo no corpo. Com a mesma desatenção pelos próprios interesses que tôda a vida o acompanhou, a primeira coisa que faz ao chegar ao Brasil, contratado por jornal brasileiro, é caricaturar o Brasil e os brasileiros, o Imperador e os seus ministros, intrometer-se com tudo e com todos, envolver-se numa campanha anti-clerical, a maior, a única preocupação política que atravessa a sua obra, mais do que a ideologia republicana.

Essa mesma não vinha de dentro para fora mas de fora para dentro, pois que a questão religiosa debatia-se e apaixonava, ao tempo, o Brasil, tanto ou mais do que o abolicionismo.

A celebridade para êle foi uma escalada. E tão célebre como o seu lápis só a sua elegância e a sua alegria.

Deram brado algumas das suas partidas, como esta. Pleno carnaval,

aquele carnaval brasileiro, sumptuoso, trasbordante, vivo, mais intenso do que o oficializado carnaval de Nice. Na pedra do jornal, como tôda a imprensa da época instalado na Rua do Ouvidor, e cuja administração ficava ao rés da rua, Bordalo desenhou a caricatura do Comissário da Polícia que enormes colarinhos caracterizavam.

Sucesso da gargalhada, multidão aglomerada diante da pedra, trânsito interrompido.

O Comissário da Polícia acode, a saber o que provoca tal aglomeração. Dá com a própria caricatura e manda dizer por um guarda que sáfem aquilo.

Bordalo suprime a figura, mas deixa ficar os colarinhos.

Maior êxito, gargalhadas retumbantes.

O Comissário da Polícia torna a passar e ordena, enfurecido, que apaguem o resto,

Bordalo cumpre. Apaga os colarinhos, mas escreve na pedra esta simples e inocente legenda:

— «Fôram para a lavadeira».

Estas e outras folias quási o incompatibilizaram, com o Brasil e ei-lo que regresa a Lisboa, depois de criar no Rio de Janeiro o tipo do Fagundes — espécie de conselheiro Acácio brasileiro, — consagrado numa das suas mais faladas páginas fluminenses.

Estamos no reinado de D. Luiz, ou se quisermos no reinado de Fontes — os dois mártires do lápis caricatural de Bordalo no *Antonio Maria*, cujo título fôra buscar aos dois primeiros nomes do estadista: *Antonio Maria* de Fontes Pereira de Melo.

Geração política de gigantes, Braancamp, Hintze, Lopo Vaz, José Luciano, Sampaio, António Augusto de Aguiar, Mariano, João Crisóstomo, José Luciano, Tomaz Ribeiro — Bordalo brinca com ela, faz dela gato sapato.

A vítima pertinazmente distinguida pela mordacidade de Bordalo — Fontes.

Falasse nas Câmaras ou estivesse calado, o estadista podia contar que Bordalo não o esquecia.

Já não era uma personalidade da política portuguêsa, mas um símbolo, o alvo.

Fontes, sempre e de todas as formas e feitios: de corôa na cabeça, de fadista, de ama de leite com Rodrigues de Sampaio ao colo, de arlequim, de prima dona decotada e magricela, de ché-ché, de trintanário, de jesuita, de Maria Rita, de tanga, de pelotiqueiro e de manto real, até de Santo António de Lisboa!

Desfilam outros figurantes de S. Bento e do Paço. Todos — o Duque de Ávila, o Bispo de Viseu, o general Macedo, o conselheiro Arrobas, Saraiva de Carvalho, o Rosa Araujo e o conde do Restêlo, D. Luiz, o Infante D. Augusto, D. Fernando, o conde de Burnay, deputados, Pares do Reino, minis-

tros, archeiros, o infalível jesuita da sua obra, e sempre, sempre — a mulher de capote e lenço, Fontes, o gato e o resignado Zé Povinho, criação formidável de Bordalo.

Afora a política, as letras e as artes dão-lhe páginas de interêsse e oportunidade, como as consagradas a João de Deus, ao *Mandarim*, do Eça, a Camilo, a Calderon, ao *Portugal contemporaneo* de Martins, aos centenários de Camões e de Pombal, e às visitas a Lisboa de Júlio Verne e de Afonso XII.

Quem quiser reviver o teatro da época não tem mais do que folhear o *Antonio Maria*. Saltar-lhe-ão aos olhos as glórias do palco português e estrangeiro: a Virgínia, a Judic, a Delfina, a Sarah Bernhardt, a Rosa Damasceno, Borghi-Mano, a Paladini, o Tamagno, o Gayarre, o Rosa Pai, o genial António Pedro.

Uma pundonorosa atitude com a imprensa diária fá-lo acabar voluntàriamente com o *Antonio Maria*.

Quatro meses depois ressurge o panfletário do lápis nos *Pontos nos i i*.

Mas a êsse tempo, o caricaturista sai-nos oleiro. Apaixona-se pelas Caldas, e transporta para o barro a sua alegria e a sua veia de caricaturista.

Em todo o caso, um transe nacional agita-o como a todo o povo português — o *Ultimatum*. E Bordalo encontra outro alvo: a Inglaterra. Não apenas no jornal mas em ilustrações, como as *d'A Marcha do Odio* de Junqueiro, deixa iconografia patriótica que traduz e documenta o momento histórico.

A seguir ao 31 de Janeiro, um artigo de Fialho, intitulado *Glória aos Vencidos*, expõe o jornal à suspensão.

E Bordalo reaparece um mês depois com o 2.º *Antonio Maria*, série irregular, dada a absorvente jornada ceramista.

O caricaturista está enfastiado da caricatura política. Sente-se-lhe mesmo certo cansaço. As suas aparições têm intermitências. Atribulações da Fábrica das Caldas e qualquer amargura íntima quási emperram o lápis genial.

A cerâmica torna-se-lhe paixão, a fábrica vive precàriamente, dos fornos sai a Jarra Beethoven que, exposta em Lisboa no Jardim de Inverno do *Teatro D. Amélia*, deslumbra, como a toda a gente, o senhorio da casa do Largo da Abegoaria onde Rafael viveu vinte e nove anos sem pagar renda. Dizia o senhorio que por bem pago se dava com a honra de ter tão grande artista por inquilino. Perante a impressão que a jarra lhe fês, Bordalo quiz oferecer-lha. O excepcional senhorio recusou:

— «Não aceito. O que v. deve fazer é ir ao Brasil vendê-la!»

Assim se gerou a idea de levar a Jarra Beethoven ao Brasil. E um belo dia Rafael Bordalo sai outra vez a barra.

Vai para tornar, apenas fazer uma exposição das suas loiças no

Rio de Janeiro: os seus gatos, os seus sacristães, as suas lagostas, os seus repôlhos, os seus pratos de azeitonas, os seus Zé Povinhos, as suas mulheres de capote e lenço, os seus John Bull, as suas andorinhas, e principalmente a Jarra Beethoven.

Declarado êxito, artistico, material, afectivo, apenas com umas horas de inquietação — as que se seguiram à extracção da Lotaria da Candelaria a que subordinara o sorteio da Jarra Beethoven.

O nome e as relações de Bordalo, conjugados com a influência de Vasco Ortigão (filho de Ramalho), não conheceram dificuldade em espalhar os bilhetes da tômbola.

Andou a roda. Sabido o número da sorte grande, Rafael procurou o possuidor do número correspondente da tômbola. Não havia na lista nome correspondente a êsse número. O Vasco, sua alavanca, afectuoso, devotadíssimo e desinteressadíssimo tutor nessa jornada, também se não lembrava.

Bordalo fica sobressaltado, preocupado com o aspecto moral do caso. O que se não diria, se o acaso quisesse que a jarra lhe saísse a êle?! Mas tal não podia suceder, porque os bilhetes estavam todos passados. Quem era, então, o possuidor do bilhete premiado?

E Rafael, a quem, quando lhe dava para empreender numa qualquer preocupação, ninguém levava a palma, dava voltas à memória.

Até que lhe ocorreu que, na tarde inaugural da exposição, recebera um sobrescrito fechado, no mesmo momento em que chegava o Presidente da República. Recordando-se mais que nêsse dia se vestira de sobrecasaca, mandou um próprio ao hotel ver se nas algibeiras estaria o tal sobrescrito. Seu dito seu feito: o demónio do sobrescrito lá estava, contendo nem mais nem menos do que cinco bilhetes da tômbola recusados pelo conde de S..., e entre êsses cinco justamente o número premiado.

Nova arrelia de Rafael, a sua repulsa de ficar com a jarra Beethoven e a resolução de a oferecer ao Brasil, o que fez. Lá a vi anos depois no Palácio do Catête.

Tudo se passou pelo melhor: Jarra Beethoven vendida por soma que nenhum particular em Portugal ou Brasil cobriria nem atingiria, repercussão aclamadora do belo gesto da oferta ao Brasil. Só não passou a Rafael a birra com que ficou ao conde de S... a quem nas conversas crivava de anedotas, de ditos, de análises, de facécias, ilustrando os comentários com um *kodak* que êle prometia publicar quando acabasse o folhetim sôbre o Visconde de Faria, e que representava o titular de pé, no banheiro, a puxar a corrente da *duche*. O que Bordalo ria e fazia rir com a vaidade que o

conde mostrava ter na sua barriguda academia!

Mas o folhetim humorístico, inspirado no visconde, salvou o conde de S... do pelourinho caricatural de Bordalo, que todavia o não poupava ao sarcasmo oral.

Tirada essa sombra, a viagem de Rafael Bordalo foi uma embaixada de gala que, além de o restaurar financeiramente, teve o grande mérito de lhe levantar o moral e de o restituir à vida de produção.

Datam dessa época as minhas estreitas relações com Rafael Bordalo Pinheiro.

Como na véspera da partida de Rafael, bastante abatido, eu o visitasse e o primeiro artigo de saudação que êle leu ao desembarcar no Rio de Janeiro fôsse um artigo meu, no *Paiz*, de que era colaborador, a primeira visita que Rafael, alegre, ressuscitado, fez em Lisboa foi à minha tebaida do Lorêto.

Lisboa era, então, uma cidade de trato amêno como o seu clima. Não havia convulsões políticas, e, além do pagamento semestral da renda de casa, o lisboeta desconhecia quaisquer outros sobressaltos.

A vida social decorria sôbre um leito de certezas, como águas de rio.

Os partidos governavam cada um três anos, uma vez o Hintze, outra vez o José Luciano, sabendo-se que se os Regeneradores estavam contentes os Progressistas andavam tristes, e que quando tocasse aos primeiros a vez de rirem, os outros tinham de choramingar, lembrando certas garrafas de Aniz del Mono, com as duas faces uma a rir outra a carpir.

Com o mesmo sincronismo se sabia que em Março, o Teatro D. Maria e o Teatro D. Amélia davam às outras casas de espectáculos o sinal de encerramento da época e à Praça do Campo Pequeno o toque de alvorada.

O calendário do lisboeta era matemático: dia certo da partida para as têrmas, para o campo, para as praias.

A cidade, em Agosto a meados de Setembro, tornava-se deserto.

Outubro entrante, chegava a hora deliciosa da Avenida, o breve outôno com as promessas teatrais, o elenco de S. Carlos, os projectos dos homens de letras e artistas, e o regresso às tardes da Avenida.

Essas tardes davam à Lisboa dos fins do século XIX e alvôres dêste trepidante século XX, a sua singularíssima característica: mixto de aglomerado provinciano, convivendo no parque da terra, e de cidade europeia.

Ninguém faltava: o funcionalismo, a política, a arte, o dinheiro, a beleza, a burguesia, e a côrte. A Família Real também aparecia, D. Carlos de pequeno uniforme de generalíssimo, a Rainha, às vezes os Príncipes, o Infante D. Afonso, nos seus landós. Duas filas de carruagens subiam e desciam, a trote,

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Retrato pelo notavel pintor inglês John Sargent, na sua visita a Alcobaça, em Julho de 1903

a Avenida, enquanto as senhoras, com o livro de missa dentro do regalo, sentadas nas cadeiras de ferro, desengonçavam as cabeças, a corresponder aos chapéus altos que amoleciam as abas com os repetidos cumprimentos.

O próprio Marquês de Soveral, nas suas raras visitas a Lisboa, comparecia na Avenida. Estou a vê-lo em certa primavera, ainda bem môço, farto bigode negro trasmontano, chapéu de côco castanho de grandes abas, a dizer com *fraque* também côr de castanha, que abotoava com uma tranquêta de dois botões, pormenor que estonteou os leões alfacinhas.

A Avenida era uma sala de visitas ao ar livre, sem liberdades. Basta dizer-se, e digo-o sob palavra de honra: nêsse tempo as senhoras andavam vestidas.

Tanto que os janotas sexagenários, de luva de pele de cavalo, a fumar por boquilha de âmbar, chapéu alto e reluzente, calça a desenhar-lhes as pernas de cavaleiros, postavam-se à beira dos passeios, para ver entrar nas carruagens as senhoras que se haviam apeado, a dar uma volta a pé. Era a cupida esperança de que, ao pousar o pèzinho no estribo da carruagem, a dama subisse um pouco mais a saia que pousava na biqueira da bota, e entremostrasse a canela!

Candurosos tempos, candurosos e lentos que davam tempo a que o lisboeta perdesse duas horas, na esperança de ver um osso!

Também, se conversava ainda, e todos entendíamos a linguagem comum, porque o calão ainda não dividira os portugueses.

Não se concebia a vida sem as tardes da Avenida, onde se namorava, se sabia dos acontecimentos parlamentares, se discutia o discurso de António Cândido, se comentavam as audácias de João Arroio ou as arremetidas de José de Alpoim.

Ali se encontrava tôda a gente e se ouviam as grandes novas da política ou os escândalos que hoje dariam enfadonhos casos de acanhada castidade. Dali se conheciam todos de vista e de nome, pelo menos.

Foi esta sociedade e esta época a última que Bordalo comentou, criticou, satirizou, celebrizou na *Parodia*.

Não se faz idéia da retumbância dêsse último semanário de Bordalo! Anos e anos calado, exilado nas Caldas, remetido ao seu silêncio de oleiro, quando reapareceu uma aclamação o recebeu.

O semanário saíu aí pelo meio dia; e às três da tarde, recebia eu, no meu refúgio da *York-House*, às Janelas Verdes, êste telegrama de Rafael Bordalo:

«Grande sucesso. Hoje, jantar no *Braganza*. Não falte.»

Éramos além do Pai Bordalo, o Manuel Gustavo, João Chagas, Justino Guedes.. ao todo treze. Pas-

sou-se um ano, sem morrer qualquer de nós, e continuámos a juntar-nos ou para jantar ou depois do jantar.

Oh! êsses jantares do *Tavares!* que alegria e que apetite! Bordalo, então, excedia-nos a todos, quer numa quer noutro.

Fôsse jantar de casaca, como o do *Bragança*, ou de jaquetão como os do *Tavares*, a cena repetia-se. Bordalo, saboreada a sopa, exclamava:

— Rica sopa! Há muitos anos que não comia uma sopa assim! Sim, senhor! Apetece não comer mais nada!... E se repetíssemos, vocês que dizem? Outro pratinho, ein? Não querem? Pois quero eu. — *E chamando o criado:* — Traz lá outro prato de sopa.

E, todo o jantar, assim era louvado um ou outro prato e repetido por excepcional. Bordalo não era propriamente um comilão. Comia pouco e lentamente, porque se interrompia com as suas anedoctas. Ceava todas as noites no *Tavares* que se pagava com a honra de o ter por frequentador. E a ceia a maior parte das vezes era «assorda com chapéu de palha», isto é, assorda de alho com um ovo estrelado em cima.

Se não se jantava, aparceirávamos para o café.

Eram, então, as noites inesquecidas do *Suisso* e do *Tavares* que abriam por um longo concílio para a escolha dos licores.

— Que tomam?

Aí rompia a descompostura em mim, que fui sempre abstémio:

— Pois, olhe, agora quando estive no Rio de Janeiro fui dar com êste fenómeno: os meus amigos de há quarenta anos que bebem vinho com os cabelos pretos, os que sempre beberam água com os cabelos brancos. É lógico. O álcool conserva. Ora como a minha corpulência me não permite meter-me dentro de um frasco de álcool, qual peça anatómica, meto álcool para dentro de mim! — E ria, com aquêle riso trepidante e estrepitoso que contagiava quem o ouvia e terminava freqüentemente por um impertinente ataque de tosse.

Tornava à conversa:

— E você que toma?

Sem ouvir resposta, interrogava o criado:

— Ainda tens daquele *cognac* do outro dia?

— Então não houvera de ter? Para o sr. Bordalo há sempre.

— Então, traz!... Olha, traz também genebra e *Piperman*...

— Verde ou amarelo?

— Verde... os dois, traz os dois.

O criado já ia a correr e êle chamava-o!

— É sempre bom trazeres também um *Sherry*...

O criado abalava.

— Espera aí! não te esqueças do anis...

O criado atravancava a mesa com a bataria, e Rafael desfechava as suas intérminas anedotas, intercaladas com cálices de *cognac* e cigarros de diversas qualidades.

Mas a sua bebida predilecta era a *Aguardente Macieira* de que, durante anos, e a título de réclamo, lhe ofereceram às caixas.

À meia-noite saíamos e o *Tavares* ficava deserto.

Aí íamos em bando, acompanhar o Pai Bordalo a casa, mas dali do *Tavares*, na Rua do Mundo, a casa de Rafael, no Largo da Abegoaria, nunca levávamos menos de três horas.

Sem noção do tempo, Rafael Bordalo continuava a conversar, a rir, a fumar, a fazer caricatura oral, mal se resignando com a debandada quando começava a amanhecer.

Nunca chegava a casa no mesmo dia como nunca chegou ao teatro a tempo de assistir ao primeiro acto de uma peça. Sucedia mesmo e freqüentemente, vestir-se de casaca para ir a S. Carlos, e quando descia o Chiado já encontrar o público a sair do teatro. Cavaqueador infatigável, ficava-se à mesa a cavaquear com a família. A conversar e a tomar o café, que era revestido de rigoroso ritual: feito numa máquina de metal branco, diante do oficiante, e tomado em chícaras minúsculas, como se usa no Brasil. Bordalo que exigia vê-lo passar, acabava por o tomar frio, acompanhado de cálices de aguardente também muito pequenos.

O fim do jantar entrava, pois, pela noite dentro, e o regresso a casa pela aurora.

Por mais que a nossa ternura o quisesse poupar a noitadas, Bordalo não transigia.

Já muito no fim, uma noite estávamos no *Tavares* alguns dos amigos do costume: Ciríaco de Cardoso, João Chagas, o cantor António Andrade, Manuel Gustavo, Alfredo de Mesquita, Manuel Penteado, Augusto Pina, o Jorge Cid, às vezes Fialho, outras o João Saraiva, grupo numeroso que obrigava a juntar duas mesas; Bordalo conversava, ria, e num acesso de tosse mais violento ficou rôxo, pendeu-lhe um pouco a cabeça, que um de nós segurou.

Foi um momento curto mas horrível. Por fim a tosse deixou-o, Bordalo levantou a cabeça, olhou para nós, viu-nos assustados, compreendeu o que cada um sentira, e só disse:

— Estão todos com cara de caso! Ainda não foi desta.

— Um acesso mais forte da bronquite, nada mais! protestámos.

Então, sêcamente, Bordalo replicou:

— Bem sei! a bronquitezinha dos cardíacos...

Mas isso lembrou-lhe logo uma anedota, e continuou a palestrar e a rir como nunca vi rir ninguém.

Até a trabalhar, a criar. Nada mais curioso! Duas, três pessoas no quarto de trabalho, êle à banca, atravessada no ângulo das duas janelas que dão para o Largo da Abegoaria e Rua da Trindade, ao favor da luz.

João Chagas, então o principal colaborador político da *Parodia*, dava-lhe uma idea.

Bordalo ouvia, repetia o tema, mas não lhe pegava.

João Chagas dava outra volta à idea. Bordalo ouvia e no fim recusava formalmente:

— Não dá!

Outro acudia com idea diferente. Ainda não era coisa que Bordalo aproveitasse.

Outra e outra e outra, até que, já fatigados, desanimados, algum começava a esboçar nova idea... De repente, Bordalo nem o deixava acabar: era êle que completava a idea, a rir, a rir sem fim.

Batera a hora a que o seu génio improvisador se confirmava: a sua mão aristocrática pegava no lapis, e traçava nervosamente a figura principal. Á medida que desenhava, o censo caricatural ampliava, completava a idéia. Parava então a vêr o conjunto, e ria, satisfeito, divertido, como se fôsse página de outro caricaturista e êle o leitor. E, de cada vez que deitava os olhos ao desenho, encontrava mais um pormenor que lançava ao papel, e tornava a rir. Mostrava, ria, um rir de rapaz que faz cócegas a alguém aborrecido, e ia acrescentando pormenor sôbre pormenor, aumentando assim o poder caricatural da página.

Daí vem a riqueza, às vezes o excesso de pormenor cómico que têm os trabalhos de Bordalo, e daí parte a infalibilidade do seu triunfo.

Dispunha como ninguem do senso humorístico, e era o primeiro a rir com a própria obra.

Não forçava o assunto. Precisava primeiro encontrar o ser ou o aspecto caricatural. Antes mesmo de o reproduzir, só à idea do que via ou imaginava, ei-lo a rir, com as suas gargalhadas incessantes.

Ao estrebuchar de um Carnaval, último ano em que a Avenida viu um simulacro de batalha de flores, resolvemos passar juntos as três noites de entrudo.

E o que mais o divertiu foi ver o Manuel Gustavo a rir. Manuel Gustavo fôra educado pelo avô, e quando Rafael estava no Rio de Janeiro ficára também em Alcobaça. A educação severa do avô, e a admiração de Manuel pelo génio do pai faziam com que não ousasse ostentar a sua graça diante de Bordalo, que tinha muita pena de não gozar o espírito do filho. Tomaz Bordalo, irmão de Rafael, pai de Pedro e Denis Bordalo Pinheiro, foi dar com êle, justamente nessa noite de Carnaval, escondido atraz de uma coluna do *hall* do *Teatro D. Maria*.

— «Que estás aí a fazer?

— «Estou a vêr o Manuel a rir com uns amigos!...»

O resto da noite, Bordalo divertiu-se como poude. Aí pelas duas horas da manhã, sentámo-nos num recanto do *foyer*. Nisto, os olhos de Bordalo dão com um pobre diabo vestido de *pierrot*, estiraçado numa banquêta, a dormir, esfalfado de sensaboria. E, desatou a rir do cómico daquela máscara, estafada, vencida, dominada pelo sôno e pelo tédio.

Tirou a carteira, pegou no lápis, fez o esbôço e rubricou: — O carnaval de Lisboa!

Compreende-se que não pudesse viver sem conviver com os espíritos e os factos do seu tempo, de que saíam os temas caricaturais, sem o constante contacto com a vida que lhe deu a mais vasta galeria da sua comédia humana.

Por isso a sua figura inconfundível aparecia em tôda a parte: nas primeiras representações do *D. Amélia*, e nas exposições de rosas, nas noites de *S. Carlos*, de casaca, *claque*, e luvas brancas, como o documenta a soberba téla de Columbano, nos toiros, a passeio, de jaquetão azul marinho e chapéu cinzento, de longe em longe na Avenida, de farta sobrecasaca e plastrão, chapeu alto, e o inseparável monóculo como na caricatura dos «Vinte anos depois», moreno, elegante, másculo, e bem disposto.

De vez em quando, ao despedir-se à porta de casa, anunciava-nos:

— Amanhã vou às Caldas.

E desaparecia uns dias.

Por um luminoso dia de janeiro, arrastou-me com êle às régias termas.

Outra personagem completamente diferente: blusa, com as pontas da *lavalière* às pintas azues e brancas por fóra da gola e boina — o oleiro.

Percorreu comigo a via sacra das *Figuras do Bussaco*, inesquecível romagem! Ao passar, levantou os panos que cobriam um busto de mulher admiravelmente bela — era a Visconti, antes de o cancro ter destruido a obra prima da sua beleza. Foi um relâmpago: tornou a velar o busto e foi talvez a única vez em que vi no rosto dêle uma velatura de melancolia.

Logo adiante, um motivo de hilaridade esboçado no barro: nem mais nem menos do que o Marquês de Franco, a que Bordalo implacàvelmente castigou por certa desatenção. Coisa de nada! Rafael mandára pedir ao Marquês de Franco que lhe cedesse, numa noite célebre, uma das duas cadeiras de S. Carlos. O Marquês respondera que uma era para êle e a outra para o seu sobretudo.

Bordalo caricaturou-o cruelmente! Começou por lhe desenhar a cadeira, guardada a corrente e cadeado; depois, apresentou-o de

bouquet em punho ante as bailarinas, e acabou por o vêr e mostrar aos Raios X. Quando lhe aplicou os Raios X às algibeiras da sobrecasaca, não se imagina o que a placa revelou: charutos, — uns enormes para êle, outros mais pequenos para os amigos —, pratos com sardinhas, guardanapos, talheres, ramos de flôres, o diabo!

E para cúmulo o pelourinho do barro, que creio não se chegou a acabar. Mas era flagrante, era o Marquês de Franco, a sobrecasaca cintada, levantada pelas proeminências e pelas algibeiras atafulhadas.

E Bordalo ria, porque aquêle homem, em quem se pressentia certa amargura, sobretudo depois de ter modelado o Busto que êle mal desvelára, só tinha na sua oficina, quer trabalhasse com a pedra litográfica quer com o barro, um único material: o riso. Quando alguma página apoteótica criava, e as personagens eram ídolos do seu coração ou do seu cérebro, Bordalo imolava-se, a êle próprio ou ao gato, para que o público e êle tivessem sempre o seu quinhão de alacridade. Nas suas festas de família, no próprio aniversário, Bordalo punha uma corôa de louros na cabeça e ria da sua figura, ria do absurdo: a glória em Portugal, a sua glória.

Nunca o ouvi lamentar-se de não ter aceitado os contratos que Madrid lhe oferecera, nem a sugestão e convite que Joaquim Nabuco — o Cícero brasileiro — lhe fizera: ir para Londres colaborar em jornais humorísticos ingleses.

O seu portuguesismo decerto não se arrependera de cá ficar.

E, a inferir das suas páginas sôbre a aliança inglesa, não se daria muito bem entre nevoeiros do Tamisa.

Para nós, Portugueses, foi bom que rimos, pelo menos enquanto êle vivo foi. Hoje, nem tôdas as suas páginas fazem rir. A obra vastíssima tornou-se documentário histórico e marca as decadas convulsas de 1880 a 1910: o Centenário de Camões, o Ultimatum, a hora da caricatura panfletária. Mas por entre as sínteses, algumas sangrentas, outras trágicas, outras explosivas, há ainda reportório de riso.

Sob a crescida erva que cobre o túmulo dos acontecimentos, ouve-se sempre a gargalhada trepidante, estrondosa, repetida, intérmina de Rafael Bordalo Pinheiro.

Tal como no estranho poço de de certa região tropical. Duma confluência do Índico parte uma estrada que leva a êsse poço. Vegetação densa, de côr argêntea se o vento sopra, é pouco prudente meter-se alguém ali e quem tal ousa, em poucos minutos de marcha, apercebe-se logo de se ter perdido no coração da África. Crescido capim o rodeia, o enleia e lhe cerra o horizonte a dois metros de distância.

Lutando, arrependido de se aventurar por tais paragens, chega a um atalho, com cêrca de vinte centímetros de largura. Embora o capim retarde o passo, consegue-se avançar. Mais meia dúzia de metros andada, novo embaraço. E o homem mais sereno, exclama:

— Onde diabo me vim meter!

Quási debaixo dos pés do viandante, uma voz repete:

— «Onde diabo me vim meter!»

E, por sôbre o natural mutismo, julga-se ouvir alguém que ri a chasquear.

A risada passa. O homem torna:

— Esta agora!...

O eco subterrâneo repete estas palavras. E uma nova risada cascalhante sôa...

O homem rompe, e, por entre a resistência da vegetação, encontra-se, então, com uma buraca negra aberta no solo, e tão profunda que mal se distingue a água.

Nessa água negra como pez, e coberta de espuma verde, revoluteiam coisas negras.

A impressionante gargulhada era apenas o gorgolejar de uma pequena fonte que surge a meia altura do poço que ri.

Os objectos negros voltijam e, quando o murmúrio da fonte cai sôbre a rocha, a risada converte-se em verdadeira explosão de hilariedade.

Assim é a vida e a obra de Bordalo.

Caminhando século XIX além, topa-se com ervaçal de ridículos; ao exprimirmos alto o nosso juizo, ouve-se um éco — é a caricatura de Bordalo; continuando, vai-se dar ao poço motejador que não é senão a gargalhada do artista batendo na rocha da época, e que faz gorgolejar a água negra onde revolteiam tipos e costumes no fundo do poço que ri.

Introdução à conferência «Rafael Bordalo Pinheiro e o seu tempo», realizada na noite de 16 de Maio de 1936, no Ateneu de Braga.

Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

Por números astronómicos se dacta a história dos Brácaros galo-celtas — ano do mundo 3708, ou seja 296 anos antes de Jesus Cristo. Sucessivamente, Brácara-Augusta dos Romanos, 40 anos depois, sueva em 410, era de Cristo, goda em 585, moura em 715, católica em 739, arabe em 985, e enfim nossa desde a fundação do reino, a Braga dos Arcebispos — panteão do conde D. Henrique e D. Tareja —, é uma pérola da cristandade.

Mal comparando com a vida das pérolas, que sete anos leva a coalhar a «lágrima branca», — no dizer japonês — e em vinte gerações humanas morre, a Brácara-Augusta, amuralhada nos fins do séc. XIII por D. Denis, com uma cêrca de oito portas, nem morreu nem envelheceu.

A pérola, — cujos bancos formam um colar que em latitude abrange o régio azul de Neptuno de dois hemisférios, desde o Oceano Índico, do Japão até o Golfo Pérsico, passando por todas as costas indianas, a Ceilão, a quasi tôda a Austrália, — é afinal o túmulo deslumbrador de uma larva. E os cólos que ostentam os brilhantes colares de pérolas não se apercebem de que são o panteão de dezenas de sarcófagos onde jazem seres sepultos em vida.

Esplendor de morte, para a morte tende ràpidamente. De delicada fragilidade, sujeita a alterações de côr como a turqueza, o marfim, e o coral, a perola adoece, enruga-se, envelhece e morre. Assim se explica que se haja perdido o rasto de pérolas célebres.

¿ O que será feito da pérola de Cleópatra, não daquela que valia uma província da Ásia e que a famosa raínha egipcia tirou da orelha para moer e que, dissolvida numa taça, bebeu à saúde de António, para lhe provar a sua sumptuosidade; mas da outra, a que levada para Roma, depois da vitória,

foi cerrada em duas para ornar os brincos da Vénus de Praxiteles? ¿Por quanto tempo ornou as orelhas da deusa? Sabe-se tão pouco dela como da Peregrina, a «Incomparável», adquirida em 1579 por Felipe II de Espanha ou da *Cruz do Sul*, encontrada na Austrália e que era formada por sete pérolas no corpo da cruz e duas nos braços.

Menos frágil, mas não menos brilhante na fé, no talento, na beleza é uma pérola de cristandade e, a despeito de avançadíssima em anos, Braga tem tal mocidade que apetece crêr na lenda de que seja, efectivamente, a divindade escandinava, da sabedoria e da eloqüência, troveiro do Valhala — paraizo dos escandinavos—, filho de Odin e esposo de Iduna, deusa da juventude.

¿Pois não foi Braga, tranqüila cidade de rincão minhoto, quem há dez anos soltou o grito de um movimento histórico?

¿Não foi ela que, com admirável instinto e a incomparável fôrça das mocidades eternas, presentiu que um excepcional artista era já nado e criado em Portugal?

¡Sentido da hora nacional, sentido da grandeza que os acontecimentos tomariam teve-o Braga! E o destino entregou nas mãos de um extraordinário regedor do Estado a boa fortuna dêsse movimento e desta década. Homem que o mundo admira e muito nos invejam. Figura de altar que na história de Portugal tem apenas padrão em Nun'-Alvares, certo que o Condestável, de moço que era, podia ter ambição de glória, fumos de comando e poder. Emquanto que o que nos nossos dias salvou a Pátria é desambicioso e desinteressado até o ascetismo. ¡Nem conforto quanto mais fausto! ¡Encarnação de uma Pátria de fortes, cada acto seu é uma escola de civismo e de honra pública, cada linha dos seus discursos uma oração, cada passo governativo um pano de muralha em defensão de Portugal!

Cérebro deslumbrador, moral impoluta que dignifica o Poder e aumenta a Pátria, a sua aparição na tumultuosa cêna política do país só por si justifica e abençoa a veneranda e moça Braga que há dez anos nos ergueu do marasmo ao erguer-se em armas!...

Gente que de tal modo guarda a mocidade mental e moral e tão bem olha pela fortuna das coisas públicas, entende como nenhuma outra a graça do artista de que lhe venho falar e, com certeza, se orgulha de termos sido berço de Rafael Bordalo Pinheiro — o caricaturista genial do sec. XIX português.